



Caiuá Quarela, Ciellen Selene e Guilherme Macedo, membros da Vivência Ballroom, na Universidade de Brasília: espaço de acolhimento

Antes mesmo de se afirmarem como house, já existia uma estrutura familiar: figura materna, paterna, irmãos e filhos. Os primeiros treinos ocorriam no espelho d'água escondido do Museu da República, em meio a episódios de transfobia e abordagens policiais. “Ser afeminado, ser bicha, lésbica ou pessoa trans à luz do dia era muito complicado”, conta. A busca por espaços seguros foi um dos maiores desafios iniciais, até que, com o tempo, conseguiram estúdios, teatros e salas de ensaio.

Para Eduarda, a house é, antes de tudo, casa. “Precisa ser lugar de conforto, descanso, confiança e sabedoria.” A Hands Up chegou a ser também casa física, abrigando membros por noites, meses e anos. Alimentação, formação profissional, acesso a saúde e lazer faziam parte da organização interna. “A gente imagina casa como esse espaço de criação, educação e acolhimento.”

O pioneirismo gerou frutos. Muitas pessoas conheceram a ballroom por meio da Hands Up e, depois, fundaram suas próprias casas. “É uma semente plantada que gerou vários frutos”, resume Eduarda. Hoje, a cena brasileira dialoga com outras cidades e integra o mapa latino-americano da ballroom,

com reconhecimento internacional de suas icons.

A dimensão política permanece central. “O simples fato de corpos dissidentes ocuparem a universidade já é político”, afirma Guilherme. A presença da ballroom tensiona colonialidades do saber e reafirma a universidade como espaço público e diverso. Ao mesmo tempo, atua como ferramenta de cuidado coletivo. “Às vezes, é o que te faz levantar da cama, alongar o corpo, conversar com pessoas”, diz Caiuá. Em um contexto de altos índices de sofrimento psíquico entre estudantes LGBTQIAPN+, a vivência constrói redes que reduzem o isolamento. “Não substitui políticas institucionais, mas amplia as possibilidades de acolhimento.”

A trajetória de Eduarda sintetiza essa potência. Expulsa de casa aos 16 anos, hoje é reconhecida como icon da cena ballroom brasileira e internacional. “Ser uma travesti de 33 anos, mãe de uma criança de um ano, viva e atuante na cena, já é um legado”, afirma. Para ela, o maior legado será ver a filha crescer em uma comunidade que a acolha.

***Estagiária sob supervisão de Eduardo Fernandes**

Arquivo pessoal



Eduarda Kona Zion, fundadora e mother da Hands Up: pioneirismo em Brasília

como famílias escolhidas, oferecendo orientação e acolhimento. Já as categorias permitem explorar diferentes formas de expressão artística, enquanto as balls se tornam momentos de celebração e visibilidade coletiva. Há ainda quem opte por ser 007 — não integrar uma casa específica, mas fomentar a cultura de forma autônoma.

Pioneirismo na capital

Se na universidade a ballroom ganha contornos institucionais, sua história em Brasília começa muito antes, marcada pela rua e pela resistência cotidiana. A pioneira House of Hands Up surgiu de um coletivo de pessoas LGBTQIAPN+ que buscava discutir danças de cunho LGBT em um cenário de danças urbanas que não acolhia essas expressões. “Nos reunimos para pesquisar mais sobre waacking, vogue e referências LGBT na dança, e descobrimos a comunidade ballroom”, relembra Eduarda Kona Zion, 33 anos, found mother da casa, conhecida na cena como Trailblazer ICON Biological Muva.